

Exposições

e@expresso.impresa.pt

HELENA SEITA



“Repúdio”, de Maria Barreira (pequena escultura à dir.), enfrentando “Mãe”, de Alice Geirinhas (soldado armado e mulher que protege criança)

Elas estão presentes aqui e agora

No Museu do Neo-Realismo, a mulher enquanto contestação e afirmação num olhar sem amaneiramento nem amabilidade

TEXTO JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

★★★★★

ONDE ESTÃO ELAS? — MULHERES ARTISTAS NO MUSEU DO NEO-REALISMO

Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira, até 4 de maio

A exposição não começa com uma pergunta, é toda ela uma pergunta sobre o lugar das mulheres na arte em Portugal, no movimento neorrealista e no museu que tem a vocação para o mostrar e que, afinal, entre 440 artistas no acervo, apresenta apenas 70 mulheres, i.e., 16% do total, segundo nos informa a curadora Paula Loura Batista. Uma exploração inteligente do acervo permite ir mais além dos limites cronológicos — décadas de 1940 e 1950 — e estéticos do museu, uma vez que este tem espólios individuais que o ultrapassam (Alice Jorge, 1924-2008), bem com artistas contemporâneas que lá expuseram com propostas entendíveis como prolongamentos da estética neorrealista (Alice Geirinhas, n. 1964, Ana Pérez-Quiroga, n. 1961), possuindo ainda um grande repositório de fotografia internacional, “A Família Humana”, organizado por Jorge Calado, com muita imagem colhida em Portugal. A abundância de formatos pequenos e médios favorece um discurso narrativo, bem adaptado ao pé direito reduzido da galeria, que se desenvolve em seis temas ou capítulos: reunindo temas reconhecíveis como prioritários do neorrealismo — “Trabalho”, “Descanso”, “Resistência” e “Política” —, bem como outros acolhendo um leque vasto de expressões — “Outros Caminhos” e “Corpo”.

Estes seis capítulos têm uma introdução, funcionando como um manifesto evidente. Bastam

duas obras: uma pintura de grandes dimensões, “Mãe”, de Alice Geirinhas (acr. s/ tela 200 x 150 cm), um soldado apontando uma espingarda a uma mulher protegendo a criança que leva ao colo; uma pequena escultura em terracota, “Repúdio”, de Maria Barreira (1914-2010), o corpo todo de uma mulher que se lança para a frente e onde a mão na vertical trava o movimento, num ‘não’ tão silencioso quanto eloquente. Tudo ali fica dito, tanto nas figuras como na sua diferença de escala, numa mensagem que permanece viva nos seis núcleos da exposição.

“Trabalho”: Dá prioridade a uma iconografia feminina marcada pela expressão do esforço ou pelo desgaste que tal esforço produz; este núcleo não esconde a relação da mulher com a maternidade, incluindo ainda o raro registo das vítimas do trabalho infantil que Teresa Arriaga (1915-2013) desenvolveu na Marinha Grande em 1945, com retratos dos meninos operários da indústria vidreira. “Descanso”: É certamente um contraponto, onde a tensão física dos corpos diminui, onde há lugar para a jogo e a festa, onde aparece a paisagem que nem sempre é um repouso do olhar. Está aqui uma das boas surpresas desta exposição: a paisagem de fronteira entre o rústico e o urbano de uma pintora pouco nomeada e esquecida, Zulcides Saraiva (1915-1999), onde a inquietação da natureza e a miséria das pessoas se torna evidente e onde a realidade nos aparece paredes meias com o pesadelo.



Paisagem de uma pintora esquecida, Zulcides Saraiva

“Outros Caminhos”: Tem uma dupla face, registrando as experiências não figurativas crescentes a partir da década de 1950, bem como expressões próximas do neorealismo em artistas mais interessadas na modernização de linguagens figurativas sem peso político evidente, a gravadora Teresa de Sousa (1928-1962), ou então a vontade de experimentar e de mudar de poética em artistas neorealistas como Alice Jorge.

“Resistência”: Continua o capítulo anterior na ultrapassagem dos dilemas da figura/não figura quer por antigas neorealistas — novamente Alice Jorge — quer por artistas de novas gerações, numa resistência unindo a situação política e sobretudo a situação mental de um país e de uma mentalidade conservadora dominante.

“Política”: Não trata da mentalidade, mas da luta e da repressão. “A Morte de Catarina Eufémia”, de Margarida Tengarrinha (1928-2023), bem como das opções ideológicas

bem definidas na “Pilha de Livros Vermelhos” (2012), de Ana Pérez-Quiroga, aliás livros vermelhos por fora na cor e por dentro no conteúdo político. “Corpo”: É um fecho particularmente arguto e

feliz, unindo as duas vertentes fundamentais da exposição, a mulher enquanto contestação e enquanto afirmação, numa presença da figura feminina reveladora de um outro olhar sem amaneiramento nem amabilidade,

inventando a verdade expressiva e imediata do corpo fora dos estereótipos dominantes. Facilitado pela variedade do espólio presente no museu, o trabalho de Maria Barreira e Alice Jorge atravessa toda a exposição. Essa é uma feliz circunstância, pois, na sua diversidade e travessia do tempo, elas resumem as transformações e permanências de dois percursos iniciados no neorealismo: Maria Barreira na coerência formal mostrando plena consciência das mutações e experiências dos anos de 1950 e 1960, Alice Jorge na prática da mudança entre figura, não figura e figura de novo, mantendo uma firme coerência ética e política. A partir de uma zona bem minoritária do seu acervo, o Museu do Neo-Realismo mostra como tirar um proveito máximo dela, exaltando o papel das artistas portuguesas que estiveram por todo o lado dizendo sim quando era preciso, dizendo ‘não’ quando era urgente, presentes aqui e agora nesta exposição. ●